

A polifonia da existência: aportes metodológicos para uma pesquisa biográfica em perspectiva antropológica

Anaxsuell Fernando Silva*

Resumo

O gênero biográfico tem alcançado ultimamente grande sucesso. Tanto entre o público acadêmico quanto entre o público em geral, tal fenômeno mundial registra ocorrência em diversas áreas do conhecimento, dentre as quais podem-se destacar o jornalismo e a literatura. As ciências sociais, especialmente a antropologia, ainda de maneira tímida, buscam contribuir epistemologicamente com esse campo. Neste artigo, objetivamos apresentar alguns apontamentos teórico-metodológicos a respeito da pesquisa e escrita biográfica, notadamente o dissenso entre Bourdieu e Sartre. E, como alternativa metodológica, apresentamos as discussões de Roland Barthes a respeito da noção de romance polifônico. Nosso objetivo é construir um espaço de debate privilegiado na interlocução entre teorias, fontes, métodos e abordagens. E, a partir da construção desse espaço comunicacional, discutiremos os modos de apreensão de uma experiência pessoal e as formas de reavaliação e reconstrução do passado a partir das relações entre indivíduos, grupos e sociedade, para que se possa explicitar os mecanismos culturais e políticos de sua produção, a partir de dimensões coletivas e institucionais que atuam em narrativas de afirmação/construção da história.

Palavras-chave

Biografia. Biografema. Trajetória.

Abstract

The biographical genre has achieved great success lately. Within the academic public as well as the general public, such worldwide phenomenon has been recorded in several areas of knowledge, among which we can highlight journalism and literature. The social sciences, especially anthropology, albeit timidly, seek to contribute epistemologically to this field. In this article we aim to present theoretical-methodological notes on biographical writing, notably the dissension between Bourdieu and Sartre. And, as a methodological alternative, we present Roland Barthes' discussions regarding the notion of polyphonic romance. Our goal is to build a privileged debate space in the interlocution among theories, sources, methods and approaches. And, after the construction of this communication space, we will discuss the ways of apprehending a personal experience and the forms of reassessment and reconstruction of

* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor de Antropologia da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). E-mail: anaxsfernando@yahoo.com.br.

the past from the relations among individuals, groups and society, so that the cultural and political mechanisms of their production can be explained, starting with the collective and institutional dimensions that act on narratives of affirmation / construction of history.

Keywords

Biography. Biographie. Trajectory.

“Uns sapatos que ficam bem numa pessoa são pequenos para uma outra; não existe uma receita para a vida que sirva para todos.”

Carl Jung

Embora seja a biografia um dos gêneros literários mais lidos e mais publicados no mundo, as pesquisas acadêmicas que tomam a questão biográfica como aspecto central ainda são, em comparação com as outras frentes de pesquisa, diminutos em quantidade. Seu uso tem se dado de forma ocasional, secundário ou complementar em uma pesquisa. Para Felipe Pena (2004, p. 51), pelo fato de não ser reconhecida como gênero autônomo de discurso (situando-se entre a história e a ficção), a biografia cai num “limbo epistemológico”, aspecto que justificaria o suposto desinteresse da comunidade acadêmica em relação à temática (Cf. 2004, p. 51).

A biografia, por um período significativo, foi tipificada como pertencente ao modelo tradicional e hegemônico de história, isto é, mais predisposta à apologia do que à análise, mais delongada nos aspectos que apontavam para as grandes estruturas socioeconômicas, políticas e culturais. Na esteira de Marx e de Braudel, os estudos acadêmicos preteriram as trajetórias individuais em favorecimento das pesquisas macro-orientadas, estruturais, quantitativas, de longa duração.

Karl Marx, para exemplificar, desprezou a trajetória de Luís XVIII, chamando-o de “*cérebro de toucinho*”, e Luís Bonaparte, rotulado como “*mediocre e grotesco*”, ao discutir o golpe de 2 de dezembro de 1851, na França, como desdobramento da “grande lei da marcha da história, a lei segundo a qual todas as lutas históricas (...) são na realidade apenas a expressão mais ou menos clara de lutas entre classes sociais (...)”¹. Nesse cenário, portanto, a atenção dos pesquisadores estava em desvelar as regularidades dos processos sociais e não as contingências da dimensão

¹ De acordo com o prefácio de F. Engels para a terceira edição alemã de “O 18 Brumário de Luís Bonaparte”. In: MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 327ss.

humana, a imprevisibilidade da vida.

A biografia (gr. Biografia – *bio*, vida; *graphein*, escrever), “escrita de vida”, devido ao seu caráter heterogêneo e fluido, implica uma perspectiva transversal e sistêmica². Tratar o biográfico, para alguns, é uma “tarefa impossível”³ ou uma “conversa difícil, indireta e ininterrupta”⁴, pareceres indubitavelmente dados em função da sua abrangência e seu caráter transdisciplinar. A escrita biográfica abrange, simultaneamente, a antropologia, a literatura, a psicanálise, a história, a literatura, além de outros saberes.

Uma trajetória de vida, qualquer que seja, traz consigo questões pertinentes para a compreensão de diversos processos, eventos, contextos, jogos de poder, lança um olhar sobre a sua própria intenção ao narrá-la – especialmente aqueles que escrevem textos autobiográficos, ou mesmo concedem entrevistas – e reverbera a relevância de considerar a abordagem biográfica como uma metodologia significativa.

No âmbito da Antropologia, George Marcus (1995), ao falar acerca de etnografias multisituadas, sugere que “seguir uma vida ou biografia” poderia expor as justaposições de contextos sociais que ficam invisíveis nos estudos mais estruturais dos processos. Para o referido antropólogo americano, o pesquisador deve seguir as cadeias, trajetórias e fios que fazem parte de um fenômeno específico (neste caso, uma vida) e tratar de fazer conjunções ou justaposições de situações e estabelecer uma conexão ou associação entre elas.

Ao propor a etnografia de um percurso a partir de diversas narrativas – autobiográficas, publicações acadêmicas e literárias, crônicas, pesquisa de campo, entrevistas com o autor e com alguns pertencentes a sua rede de interações –, pode-se abordar⁵, além do itinerário intelectual, a própria dinâmica política de algumas instituições com as quais o biografado

² Não confundir com sistemático. Enquanto sistêmico, refere-se a um fenômeno global (tal qual o sistema sanguíneo ou sistema nervoso) no qual várias causas coordenadas participam do funcionamento de um mesmo conjunto não divisível. Sistemático está relacionado com uma postura ou concepção generalizada por meio da reflexão, está dentro da lógica dividir para explicar.

³ GOBBI, Maria Cristina. Método Biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005. p.90.

⁴ Entrevista com Sabrina Loriga: a história biográfica. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, v. 2, nº 3, p. 11-21, jan-jun/2003.

⁵ Esta foi a abordagem metodológica que utilizei na minha tese de doutorado. Para mais detalhes, consultar (SILVA, 2014).

estabeleceu relações, sejam elas organizações religiosas ou universitárias⁶, a relação entre pessoas, lugares, afetações, crenças e esperanças.

O princípio basilar da história é a lacuna, e isto faz do leitor de quaisquer narrativas um coautor, não apenas por reconstruir as ações rememoradas de acordo com seus próprios referenciais, mas, fundamentalmente, porque a totalidade, a completude, a complexidade da vida não serão abarcadas por uma tese ou um livro (biográfico), havendo, desta maneira, um espaço para novos relatos. Dito de outro modo, “a história de uma vida é apenas o que se sabe sobre esta vida, jamais a sua fiel representação, como pretendem alguns biógrafos” (PENA, 2010, p.35).

O primeiro documento sociológico a respeito das histórias de vida de que se tem registro na Europa e América foi publicado em *The Polish Peasant* por W. I. Thomas e Florian Znaniecki, em 1927. A publicação recebeu significativa atenção e abriu caminho para que Clifford Shaw⁷ e seus colaboradores (1942), na Escola de Chicago, lançassem análises que buscavam constituir materiais úteis para a formulação de teorias sociológicas gerais. Ao avaliar esse momento de incorporação do método biográfico nas Ciências Sociais, Howard S. Becker (1994) afirma que a história de vida se aproximaria mais do terra a terra e instrumentalizaria as análises sociológicas, as quais se interessam por relatos fiéis da experiência que possibilitem a interpretação do mundo no qual o sujeito vive. E completa sua argumentação com uma recomendação expressa:

O sociólogo mantém o sujeito orientado para os temas nos quais a sociologia está interessada, questiona-o sobre acontecimentos que exigem aprofundamento, tenta fazer com que a história contada acompanhe os registros oficiais e os materiais fornecidos por outras pessoas familiarizadas com os indivíduos, acontecimentos ou lugares descritos. (BECKER, 1994, p. 102).

O Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago promoveu vigorosamente essa perspectiva durante a década de 1920. Grande parte das pesquisas faziam uso de documentos pessoais e relatos na tentativa de compor histórias de vida que colaborassem para a elaboração de concepções teóricas gerais das Ciências Sociais. As bases epistêmicas estavam na

⁶ O próprio autor deste texto publicou outros artigos nos quais operacionaliza essa perspectiva teórica e epistemológica (ver SILVA, 2017).

⁷ Aqui, merece destaque a publicação intitulada *Juvenile Delinquency and urban áreas* (SHAW; MACKAY, 1942).

psicologia social de George Mead⁸. E, depois da boa aceitação da publicação em *The Polish Peasant* e da persuasiva defesa do método feita por Ernest W. Burgess, a história de vida desfrutaria de grande popularidade nos círculos acadêmicos das Ciências Sociais. Tratava-se de um dos instrumentos de pesquisa que gozava de significativo espaço e respeitabilidade nas pesquisas desenvolvidas no departamento. Mais tarde, Lindesmith (1947) transformou a estratégia já disseminada entre os pesquisadores num método sistemático de investigação nomeado como indução analítica.

Na avaliação de Becker (1994), com o passar do tempo, outras perspectivas de caráter mais abrangente e generalizante ganharam a disputa por mais espaço nos departamentos de Ciências Sociais, e esse tipo de abordagem investigativa foi perdendo seus adeptos, inviabilizando a própria composição do que ele chama de "mosaico científico" e, sobretudo, inviabilizando a concretização de novas iniciativas de pesquisa.

Em território brasileiro, a emergência desse método ganharia contornos relevantes. Ao problematizar as metodologias qualitativas, característica nodal das suas investigações ao longo da carreira, Florestan Fernandes (1966, p. 65) argumenta que o método biográfico não apenas se constitui um importante registro sociológico mas, também, permite perceber que "o homem, inclusive o homem comum, tem de algum modo a possibilidade de intervir ativamente nos processos sociais que protagoniza".

A forma mecânica com a qual as biografias, em geral, eram elaboradas foi alvo de críticas contundentes de Jean-Paul Sartre. Uma narrativa histórica feita "por fora" sustentar-se-ia em eventos exteriores e em alusão aos grandes ícones explicativos da época (tais como hereditariedade e educação). Nas biografias com as quais trabalhou⁹, Sartre não realiza uma mera descrição factual, ou uma rememoração geográfico-parental (local de nascimento, genealogia, casamentos). Seu método implica tecer uma narrativa biográfica "por dentro", isto é, uma biografia que realce o sujeito concreto, por meio de um movimento compreensivo, o qual possibilite esclarecer as condições históricas, antropológicas e sociológicas que agiam sobre o indivíduo e a forma como delas se apropriou, chegando assim a sua dimensão subjetiva, psíquica.

Sartre, sob influência da abordagem fenomenológica de Jaspers, Husserl

⁸ Ver, por exemplo, George H. Mead. "Scientific Method and Individual Thinker". In DEWEY, John et al. *Creative Intelligence*. Nova York, 1917.

⁹ Sartre publicou três biografias. *Baudelaire* (1947); *Saint Genet: comédien et martyr* (1952); *L'Idiot de la Famille* (1971).

e Heidegger, propõe a mobilização de um método biográfico como recurso para a rigorosa compreensão do sujeito no mundo. Compreender um homem, na perspectiva sartreana, implica ir além daquilo que ele fala ou reflete sobre si, é preciso descrever as ações, sua práxis cotidiana e o contexto no qual este se insere. Assim, é preciso não estar limitado ao discurso ou à linguagem. Trata-se de destacar a especificidade da existência humana.

As obras biográficas serão produzidas por Sartre numa perspectiva interdisciplinar, buscando uma síntese entre psicanálise, marxismo e existencialismo. Nessa perspectiva, ele advoga que o homem é sujeito da sua própria história, e o principal aspecto que o caracteriza é a sua transcendência, pois ele “sempre faz alguma coisa daquilo que fizeram dele” (SARTRE, 1952, p. 25), ainda que este homem não se reconheça na sua ação.

A esse processo de suplantar o que está dado e seguir em direção ao futuro, Sartre chama de *projeto de ser*. Esse projeto é circunscrito a um campo de possibilidades, isto é, as condições materiais, históricas e sociais orientam a existência de um indivíduo. O projeto é, nesse cenário, uma apropriação subjetiva da objetividade (Cf. SARTRE, 1960, p. 37).

A construção do referido projeto de ser é histórica. Seu engendramento é processual. O sujeito, ao mover-se em direção ao futuro, vai definindo seu ser – estados, qualidades, relações com outrem, racionalidade, postura, ações, corporeidade. Portanto, esse projeto vai aparecer de diferentes formas nos distintos momentos da vida de uma pessoa, sendo retomado, redefinido, mas sempre como pano de fundo de quaisquer atos humanos. Sartre concebe que a vida se desenvolve de forma espiralar, já que “ela volta a passar sempre nos mesmos pontos, mas em níveis diferentes de integração e complexidade” (*Idem*, p. 71).

Assim, o ponto de partida para uma pesquisa biográfica, na compreensão sartreana, deve ser os aspectos concretos da vida nas suas diferentes dimensões. O caminho de investigação, por sua vez, deve desvelar aquilo que processa – nessas distintas dimensões – a unificação do conjunto, que é o ser do sujeito, isto é, seu *projeto* original. É o nexo existente entre os comportamentos, emoções, gostos, gestos, raciocínio do sujeito que unifica cada um desses aspectos em direção a um fim, definindo o sentido da vida de alguém. Dito de outro modo, para Sartre, estudar o *projeto de ser* do indivíduo permite distinguir os diferentes movimentos de uma pessoa no mundo (Cf. SCHNEIDER, 2006, p. 53).

Neste sentido, o que se (per)segue é uma trajetória, mas tomá-la como fio condutor não implica, necessariamente, privilegiar o enfoque sobre a singularidade individual, pois, como aponta Suely Kofes, problematizar a oposição entre indivíduo e sociedade é fulcral ao defrontar com os desafios postos pelo entrelaçamento entre etnografia e biografia.

Nas Ciências Sociais, a referência ao método biográfico, quando se desloca da resistente oposição indivíduo x sociedade, costuma apontar a sua importância para o registro da ação e como um dos meios para a crítica à estabilidade do agente e à identidade supostamente fixa, estável e unitária do ego, problematizando-o com a multiplicidade do sujeito e de suas situações. Assim, o foco em trajetórias, em biografias, tanto pode questionar um modo habitual de categorização da prática considerada apenas do ponto de vista de agrupamentos sociológicos, como problematizar o indivíduo como uma totalidade coerente. Revelaria, ou permitiria revelar, que a superposição de vários mundos nas experiências e interpretações de sujeitos singulares são constituidores da socialidade e não incoerências sociológicas. (KOFES, 2004, p. 9).

O intento de Suely Kofes é levantar as principais questões que se apresentam à pesquisa antropológica que tenha como foco analítico histórias de vida, biografias, itinerários, trajetórias. Há ainda outros autores que se põem nesta discussão, seja no âmbito metodológico ou conceitual, com os quais cabe dialogar.

Pierre Bourdieu, um destes, expõe a noção de trajetória para argumentar contra a noção da vida como uma história coerente, ou como portadora de um sentido, e advoga a necessidade de estar atento ao que ele designa como *ilusão biográfica*. A trajetória social é definida como “a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos” (BOURDIEU, 2002, p. 292). Determinada posição no campo favorecerá determinadas disposições (tendências ou inclinações). Deste modo, “É apenas quando se caracterizam as diferentes posições que se pode voltar aos agentes singulares e às diferentes propriedades pessoais que os predispõem mais ou menos a ocupá-las e a realizar as potencialidades que aí se acham inscritas (BOURDIEU, 2002, p. 213).

Ao estudar um indivíduo, Bourdieu privilegia os processos que subjaz a este. Por exemplo, em *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*,

o argumento parte do posicionamento de Gustave Flaubert no campo¹⁰ literário francês, seguindo para a análise do seu livro *A Educação Sentimental*. A ênfase bourdieusiana é naquilo que considera estrutural e sociológico na trajetória e atuação de Flaubert. Dito de outro modo, a forma como Flaubert engendrou a trajetória do protagonista (Frédéric) e sua interação com outros personagens no jogo de força interno ao campo artístico francês do século XIX desvelariam as regras e as estruturas internas do campo da arte – da sua dinâmica e das forças que o compõem. Essa mesma perspectiva analítica seria aplicável não apenas ao campo literário francês, mas a qualquer outro campo (científico, religioso...).

Sérgio Miceli, em artigo¹¹ publicado na Revista Tempo Social, indicou os aspectos distintivos das análises empreendidas por Bourdieu e Sartre a respeito da trajetória/vida de Flaubert. A proposição deste artigo é que

em vez de mirar as mediações modeladoras da individualidade singular do artista, tal como Sartre procede em relação a Flaubert, Bourdieu dava mostras de estar mais interessado em explorar os fatores incidentes sobre as práticas de todo escritor, que derivavam da operação do sistema mais inclusivo de relações e posições, designado como campo intelectual (MICELI, 2003, p. 64-65).

Na concepção de Pierre Bourdieu, a vida do indivíduo orienta-se tendo sua origem social como um princípio gerador até concretizar determinado objetivo. Assim, “considera-se que cada vida é um todo, um conjunto coerente e orientado, e que só pode ser apreendida como expressão unitária de uma intenção, subjetiva e objetiva, que se anuncia em todas as experiências, sobretudo nas mais antigas” (BOURDIEU, 2002, p. 213). Dito de outro modo, a vida do indivíduo teria um ponto de partida (princípio gerador) e uma trajetória até um ponto determinado. E o conceito de *habitus*¹²

¹⁰ O conceito de Campo é definido por Bourdieu como um espaço estruturado de relações, nos quais as condições objetivas (aquelas pertencentes à estrutura social) e as práticas sociais se manifestam.

¹¹ MICELI, S. *Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea*. 2003.

¹² *Habitus* é um conceito inicialmente formulado por Norbert Elias (1994, p. 150) referente “a composição social dos indivíduos [...] o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade”. Para Ele, o *habitus* seria um estilo ou uma grafia mais ou menos individual que brota da escrita social. Bourdieu retorna ao conceito e o utiliza como nexos fundamentais na constituição do campo social. Para Pierre Bourdieu, o *habitus* marca uma relação de cumplicidade ontológica dos agentes e o mundo social, que estrutura a percepção e a ação prática dos agentes num determinado campo. O

é apresentado como um princípio gerador das práticas. Bourdieu argumenta que “as disposições dos agentes, o seu *habitus*, isto é, as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas sociais” (BOURDIEU, 1990, p. 158). Assim, a compreensão é de que a construção da realidade social dos agentes não se opera num vazio social, e sim submete-se às coações estruturais e que, por possuírem uma gênese social, as estruturas cognitivas seriam socialmente estruturadas.

Nas palavras de Bourdieu:

É preciso perguntar não como tal escritor [ou agente] chegou a ser o que foi – com o risco de criar na ilusão retrospectiva uma coerência reconstruída –, mas como, sendo dadas a sua origem social e as propriedades socialmente construídas que ele lhe devia, pôde ocupar ou, em certos casos, produzir as posições já feitas ou fazer oferecidas por um estado determinado do campo literário e dar, assim, uma expressão mais ou menos completa e coerente das tomadas de posição que estavam inscritas em estado potencial nessas posições. (BOURDIEU, 2002, p. 244).

Explorando ainda mais um pouco as concepções de Pierre Bourdieu, cabe lembrar seu posicionamento acerca da leitura que Jean-Paul Sartre faz de Flaubert. A principal razão das suas críticas é a fundamentação das explicações sartreanas na singularidade do indivíduo. A noção de projeto original – ou uma história de vida coerente –, Bourdieu rechaça tais explicações e chama atenção para o caráter ilusório das narrativas biográficas.

Parte significativa dos estudos biográficos, no âmbito sociológico, dedica-se às trajetórias sociais de literatos, artistas e intelectuais¹³. E, em linhas gerais, se contrapõe aos estudos biográficos literários que costumam apresentar o indivíduo e sua obra apartados das relações em que estão

habitus seria como “um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes do mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo”. (BOURDIEU, 1996, p. 144).

¹³ Aqui, merecem menção as pesquisas sociológicas de notoriedade que buscam aplicar a perspectiva de Bourdieu, como os estudos de Sergio Miceli sobre os intelectuais brasileiros, publicado em 2001 pela Companhia das Letras sob o título *Intelectuais à brasileira*, e o trabalho de Maria Tarcisa Silva Bega sobre os poetas paranaenses representantes do simbolismo, intitulado *Sonho e Invenção do Paraná. Geração Simbolista e a Construção da Identidade Regional*, São Paulo, 2000.

inseridos, isto é, das *condições sociais de produção*. Ora, para Bourdieu, o caráter fundamentalmente diacrítico da produção que se efetua no interior de um campo possibilita e faz com que seja necessário analisar a totalidade do campo – tanto o campo das tomadas de posição, quanto o campo das posições – em cada obra produzida nessas condições (Cf. BOURDIEU, 1990, p. 178), pois “a constituição do campo é a condição lógica prévia para a construção da trajetória social como série das posições ocupadas sucessivamente nesse campo” (BOURDIEU, 2002, p. 243).

Portanto, o grande empreendimento de uma ciência das obras¹⁴ é expurgar a ilusão presente nos estudos biográficos. Para Bourdieu, a ilusão é um princípio da tradição hagiográfica que “procura ver coerência deliberada de um projeto nos produtos objetivamente congruentes de um *habitus*” (BOURDIEU 2002, p. 84). Nestes, procura-se dar preponderância às estruturas sociais e aos aspectos macrosociais da realidade, preterindo as dimensões subjetivas.

A ideia de “singularidade”, deste modo, é vista como um regime específico de valores organizados socialmente e que, portanto, não estão num plano metodológico semelhante ao das ilusões de gênios individuais a serem desvendadas ou denunciadas no trabalho de interpretação das obras (HEINICH, 2007).

Um dos principais temas dos debates antropológicos contemporâneos é a oposição entre indivíduo e sociedade. Ela se expressa com maior nitidez nos campos da etnologia indígena, da antropologia da ciência e das pesquisas em torno da tecnologia. Aqui ou ali, a questão central em torno da qual circundam outras é a crítica das tentativas de separação entre natureza e cultura capitaneada pelos saberes ocidentais modernos. Esse esforço disciplinar contestatório da Antropologia também é empreendido nas articulações entre vidas e grafias que têm como base epistemológica o projeto de simetrizar seus campos empíricos.

O livro *Vida e grafias: narrativas antropológicas*, entre biografia e etnografia, organizado por Suely Kofes e Daniela Manica (2015), é um marco nesse esforço intelectual. As articulações possíveis entre etnografia e biografia

¹⁴ Procedimento que procuraria as relações entre um autor, suas obras e o campo no qual esse autor se insere. Esse método seria constituído de três operações: 1) análise da posição do campo em estudo no seio do campo de poder no transcorrer do tempo; 2) análise da estrutura interna desse campo, suas leis gerais de funcionamento e de transformação, e, por fim, 3) análise do *habitus* dos ocupantes das referidas posições, isto é, os sistemas de disposições, passíveis de atualização – produtos de uma trajetória social e de uma posição no interior do campo. (Cf. BOURDIEU, 2002, *passim*)

são tematizadas de maneira a questionar as disjunções natureza/cultura e indivíduo/sociedade. De maneira mais específica, a aposta das autoras está em questionar a atividade de escrita no fazer antropológico. Essa postura se caracterizaria como uma tarefa dual: de um lado, desestabilizar os pressupostos do ato de biografar, tais como a “individualidade”, o “self”, o “sujeito”, a “coerência da vida”; e, por outro, simultaneamente, a criatividade de engendrar narrativas capazes de dar conta das trajetórias em sua complexidade e extensão. A ousadia da proposta está em apontar um terreno de contágio, tão crítico quanto controlado, entre etnografia e biografia, considerando suas mútuas afecções, mas sem dissipar suas especificidades.

A noção de biografia mencionada, como tenho tentado demonstrar, opera com a ideia de que os indivíduos são atravessados por movimentos culturais e processos históricos involuntários. Essa perspectiva contrapõe-se a certa orientação realista, que marcou a Escola de Chicago, especialmente nos anos 20 e 30¹⁵, como já exposto. Contudo, não está em foco, nessa perspectiva, uma recuperação de dados biográficos de cunho individual e psíquico, mas fundamentalmente o mapeamento, através dos relatos autobiográficos, da trajetória histórica e cultural de um determinado grupo, ou, ainda, das forças que constituem um campo social.

No entanto, como sugeriu Daniela Manica (2009), a transferência da explicação de um plano mais subjetivo, psicanalítico, para o âmbito da objetividade das estruturas sociais – propósito da sua teoria do campo, ao delinear os aspectos, jogos de força e agentes – não põe fim à questão da ilusão, mas impõe noções generalizantes que não permitem perceber as facetas, os tramas e as nuances de uma vida. Tal abordagem – a da ciência das obras – asfixia a criatividade.

Ao tratar a perspectiva bourdiesiana das histórias de vida, Daniel Bertaux, um dos fundadores do comitê de pesquisa “Biografia e Sociedade” na Associação Internacional de Sociologia (ISA), em *Le récit de vie*, expôs sua predileção pela história de vida tal qual ela é contada e narrada pelos sujeitos, expressando os percursos de ação que desenvolvem para levar a cabo seus projetos. Contudo, para ele, o método biográfico deve ser capaz de trazer à tona o que acontece na zona de contato entre a experiência

¹⁵ Os métodos biográficos nos anos 20 e 30 foram de certa forma reprimidos pelo desenvolvimento de uma filosofia positivista neste momento em ascensão que influenciava a Escola de Chicago. É nesse contexto que a história de vida vai se desenvolver como técnica subordinada à necessidade de fazer investigações realistas (cf. MARRE, 1991).

subjetiva e o contexto histórico-social. Com essa proposição ele sugere a inevitabilidade do pesquisador de considerar a complementaridade entre a ação individual e os constrangimentos estruturais. Noutro artigo, publicado no Brasil em 2014, Bertaux identifica duas frentes de discussão já apontadas aqui. Por um lado, ele busca confrontar o que ele chamou de cientificismo, e identifica como principal representante Pierre Bourdieu; noutra direção, Bertaux emprega sua perspectiva teórico-metodológica para investigar a persistência de profissões tradicionais, como é o caso de padeiros artesanais, na medida em que tenta na tessitura da sua análise se distinguir das abordagens que ele caracteriza como subjetivistas.

Ao designar uma narrativa como ilusória, Bourdieu sugere a existência de uma forma legítima – para ele, obviamente, seria a teoria do campo. No entanto, admitir a existência de uma *ilusão*, mas não rechaçá-la, é compreender o real de modo não representacional¹⁶. Neste caminho, incorporar a ficção, imaginação ou fabulação seria adotar uma perspectiva metodológica que suplante as dicotomias verdadeiro/falso ou certo/errado e seguir na trilha aberta por Suely Kofes, na qual busca “na intenção biográfica, um procedimento etnográfico” (2001, p. 23).

Assim, ao referir-me a “trajetória” ao longo deste artigo, não me reporto ao sentido empregado por Bourdieu ao conceituar analiticamente “campo”. Ao mobilizar esse termo, e não outros do mesmo universo semântico (itinerário, história de vida, biografia), meu desejo será de evidenciar a articulação, ou, ainda, a tessitura de uma narrativa que é também etnográfica.

Essa postura nos impõe a necessidade de repensar a pretensa ordem social. A partir do uso da palavra “sociedade”, que tem sido mobilizada como uma totalidade perdendo de vista os conflitos que tornam as relações sociais possíveis. Conforme indica Suely Kofes:

Não precisamos do conceito de sociedade, porque não precisamos do conceito de indivíduo como contraponto a ele. Assim, (...) o que precisaríamos é de produzir teorias adequadas da realidade social, e o primeiro passo é apreender pessoas como, simultaneamente, contendo o potencial para relações, sempre incorporadas em uma matriz de relações com outros (*sociality*).

¹⁶ Na modernidade, o acesso ao real se dá pela representação. Para situar trabalho pós-cartesiano, sugiro pensar na metáfora da ressonância ou na da miragem e o sentido destas, ao invés de permanecer na metáfora da representação.

Ou seja, tornar as relações como intrínsecas à vida humana, e não como extrínsecas. (KOFES, 2004, p. 7)

Ao longo de uma pesquisa biográfica, narrativas pessoais, sociais e literárias se entrecruzam. Concepções de uma sociedade ou de um indivíduo homogêneo, monolítico não se mostram relevantes. Narrativas e trajetórias engendram mundos, constroem pontes e, reapropriadas pela leitura antropológica, nos aproximam dos emaranhados fios das tramas sociais.

É nesse cenário que a noção de biografema proposta por Barthes parece significativa para a antropologia. A aproximação desse artefato epistemológico impõe afastar-se das concepções metodológicas majoritárias e hegemônicas da biografia. Essa noção – explicitada inicialmente em *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975) – é entendida como uma “anamnese factícia”, uma imitação que está mais próxima da fabulação do que de um modelo-real de vida. O biografema propõe um “amigável regresso ao autor” (1982, p. 49), obviamente não o autor identificado com as grandes instituições da crítica literária ou história, e muito menos com o “herói” recorrente das usuais biografias. O princípio biografemático diz respeito à complexificação e multiplicidade do sujeito.

De acordo com Leyla Perrone Moisés (1983), ao propor a biografemática, Barthes distingue dois tipos de biografias possíveis: uma *biografia-destino*, na qual todos os dados e eventos históricos estão articulados e fazem sentido, e um segundo tipo, uma *biografia-descontínua*, que incorpora a potência dispersiva do biografema, sugerindo uma nova ordenação. Enquanto uma direciona e imputa sentido, a outra povoa o biográfico de uma multiplicidade de signos dispersos que constituem um retrato de vida, contudo um rosto sempre etéreo, inacabado.

Tecer uma biografia com seus componentes (escrita e vida) é, sobretudo, apontar para a força que esse signo possui. Compreendê-la enquanto criação (e não apenas representação já posta por um passado vivenciado) é colocar-se diante de uma postura política que se opõe a todo e qualquer uso estratégico biográfico que sufoque a vida, ou a coloque como um epifenômeno ilustrativo.

A *biografia* deve ser pensada, então, como a grafia possível das vidas que correm, velam-se e revelam-se, avançam e diluem-se sobre o texto escrito. Transformando-se, ela própria, num texto. Roland Barthes advoga que o “texto” é aquilo que se atravessa na obra e que a coloca em movimento,

todas as ações que podem ser lidas, passíveis de apropriação, contudo não estão expressas ou ligadas à obra propriamente dita. Esse movimento – que é também etnográfico – avança não para descrever sistematicamente uma vida (em sua cronologia, fases ou períodos), mas propor entradas, interpretar as passagens das vidas que se engendram e que tornam a biografia sempre aberta, atravessada pela fabulação, espaço poético de engendramento de uma existência menos aprisionada.

Neste biografema, a vida (biografia) e a obra (bibliografia) estão em um mesmo plano de contágio. A vida, em vez de justificar a obra, é tomada com uma narrativa que a sobrepõe, mas, simultaneamente, é transpassada por ela. O autor da vida atravessa a obra, o narrador da obra que, por sua vez, reinventa – fabula – o autor da vida. Essa circularidade, ou recursividade, inviabiliza a gana do método biográfico usual de encontrar fundamento dos escritos de alguém em sua vida, ou vice-versa. Vida e obra são aqui compreendidas num mesmo plano. Mover-se por uma implica reconhecer que essa ação movimentará a outra.

Ainda sobre esse aspecto, vale mencionar Roland Barthes (1999), para quem o que é mais valioso não é apresentar a história do indivíduo, com começo, meio e fim delimitados, mas alguns momentos significativos de sua vida, conectados em sua trajetória como um todo. Para isso, Barthes conceituou “o termo *biografema* para dar conta deste texto que fica entre o “ver e o não ver”, que constrói um corpo que se percebe nas suas intermitências, ou, ainda, “na encenação de um “desaparecimento-aparecimento”.

Em relação a essas possibilidades e impossibilidades, a escrita, a fabulação, diferem significativamente da história material, em que importam as causas e os efeitos. O artista deve ser pensado como uma “Máquina de Expressão que extravasa ou se adianta a respeito do momento histórico do que está em jogo” (PELLEJERO, 2008, p. 67), Deleuze e Guattari (1975), escrevendo sobre Kafka, afirmam:

a máquina literária antecipa uma futura máquina revolucionária, não por razões ideológicas, mas porque só ela está determinada a preencher as condições de uma enunciação coletiva; condições das quais carece o meio ambiente em todos os demais aspectos (...) Não há sujeito, só há *agenciamentos coletivos de enunciação*; e a literatura expressa estes agenciamentos nas condições em que não existem no exterior, onde existem apenas enquanto potências diabólicas do futuro ou como forças revolucionárias por construir. (1975, p. 31).

Pensar o dispositivo de fabulação do biografado é perscrutar suas tentativas de criar as condições para a expressão, sua busca de outros mundos possíveis, por sua vez capazes de desencadear a transformação do mundo existente. A escrita é isto, a produção de novas possibilidades.

O que a antropologia tem a ver com a vida e suas tramas? Ou ninguém se torna “normal” impunemente

Em *O cru e o cozido* (LÉVI-STRAUSS, 2004), primeiro volume das Mitológicas, Lévi-Strauss sustenta que a estrutura dos mitos teria a ver com uma organização musical e, nesse contexto, o antropólogo seria alguém que lê as partituras, ao unir as partes da composição dispersas em busca da totalidade harmoniosa. Também Rubem Alves, em *Variações sobre a vida e a morte*, convida seus leitores a compreender a vida como uma música e as ações isoladas como notas musicais. “Concordo com Kierkegaard, filósofo que nunca li: a verdade do coração, morada da alegria, não se encontra na letra; ela se encontra na música, além das palavras (ALVES, 2002, p. 116).

Neste sentido, numa investigação, o pesquisador-biógrafo deve colocar-se como alguém que busca as reverberações das notas que foram executadas num espaço-tempo distinto daquele em que se está. E, a partir do ajuntamento das diferentes notas, tentar ler a música-vida. Ao fazer isso, obviamente, partilha-se a experiência musical daqueles que, em algum momento, ouviram trechos melódicos ou, até mesmo, ruídos da vida em questão.

Em busca de tais sons, para minha investigação de doutorado que culminou na tese *Poética da existência: Rubem Alves, história de vida, tramas e narrativas*¹⁷, realizei pesquisa de campo para fundamentar a tese em diferentes momentos (entre 2009 e 2012) e distintos lugares. Fui até algumas cidades onde o autor que buscava biografar viveu em sua infância, conversei com ex-professoras e colegas dele. Visitei lugares nos quais ele atuou como pastor protestante ou trabalhou como professor e lá conversei com desde ex-alunas até colegas de trabalho que, como ele, dividiam armários. Coletei documentos e os relatos “factuais” acerca da vida dele; ouvi histórias e narrativas pessoais eivadas de afeto (ou desafetos), e a partir destes busquei compor uma única narrativa. Afinal, “Escrever sobre alguém é escrever

¹⁷ Tese defendida em 2014, junto ao Instituto de Filosofia de Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

entre alguém e com o eco do alguém de outros” (COSTA, 2010, p. 92).

Para montar a partitura dessa vida, consultei livros, documentos e ouvi pessoas. O número limitado e disperso desses “acordes” é também uma opção consciente, baseada nos princípios metodológicos que advogo aqui nesta apresentação. As diferentes narrativas expõem diferentes ângulos discursivos que se sobrepõem¹⁸ em um movimento perene de apuração e construção deste texto-tese. Tal escolha implica não se deter na oposição entre literário/científico, verdadeiro/falso. Como apontou Carlos Ginzburg (2007), ainda que se perceba uma distinção entre os modos narrativos (orais, documentais, biográficos, autobiográficos), o desígnio é buscar uma integração entre realidades e possibilidades distintas de que o material biográfico dispõe.

Nesse processo, tive em mente não apenas que a percepção de *um informante* acerca de algum acontecimento pode incluir seleção do que lhe parece principal, ocultação ou esquecimento daquilo que o incomoda, mas também que a lembrança modifica seriamente aquilo que tenta rememorar. Neste caso, as palavras de Riobaldo soavam como um alerta:

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balance, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, contar alinhavado so mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficam muito mais perto da gente do que outras de recente data. Assim é que eu acho, assim é que eu conto. O senhor mesmo sabe, e se sabe me entende. Toda saudade é uma espécie de velhice. Riobaldo (ROSA, 2001, p. 115).

Walter Benjamin parece anuir ao jagunço quando afirma ser cada vez mais difícil encontrar alguém com capacidade de narrar, de trocar experiências vividas por palavras. A experiência é a fonte do narrador, constituída por viagens fantásticas, daquele que percorreu o mundo ou daquele que permaneceu em seu país, conhecendo histórias e tradições: “a experiência propicia ao narrador a matéria narrada, quer esta experiência seja própria ou relatada” (BENJAMIN, 1975, p. 66).

¹⁸ A ideia de sobreposição de discursos é originariamente apresentada por Serge Doubrovsky (1991), no texto *Sartre: autobiographie/autoficcion*. Contudo o meu acesso a essa discussão se deu através da tese de doutorado intitulada *Narrativas e sobreposições: notas sobre Maura Lopes Cançado*, escrita/defendida por Maria Luisa Scaramella (2010).

Percebi, com o desenvolvimento da pesquisa, que o olhar do presente retroage sempre sobre o passado histórico ou biográfico que examina. Quem guardou consigo os ecos de *Grande sertão: veredas* sabe da importância que Rosa atribui à capacidade de transformar recordações "alinhavadas", planas e estéreis em experiências vivas. Narrar o passado como paradoxo que nos intriga e interroga é o desafio do narrador Riobaldo, e em grande medida a tarefa a qual me proponho ao contar a história de vida proposta.

Embora de modo geral haja uma receptividade favorável aos estudos biográficos e seus congêneres, na antropologia – de acordo com Crapanzano (1984) – tais abordagens são periféricas. E isto se deve ao fato de esta disciplina posicionar-se de maneira ambígua (ora vinculada à ciência, ora ligada à literatura), oscilando entre generalização e representação. Neste cenário, *contar* uma vida com viés antropológico requer uma sensibilidade específica, ou, com outras palavras, “ouvidos musicais”.

Importante advertência para um trabalho com interesses biográficos foi dada por Mary Douglas acerca de uma pesquisa biográfica sobre outra antropóloga, Margaret Mead: “Este livro sofre da limitação costumeira da hagiografia: é forte nos elogios (...) e fraco para lidar com os enigmas e problemas de uma pessoa que viveu em determinada época e lugar” (DOUGLAS apud FARDON, 2004, p. 17). Além da admoestação de Mary Douglas em relação aos produtos oriundos de pesquisas biográficas, foi inspirador para mim a leitura de uma biografia feita por Rubem Alves¹⁹, na qual se evidenciava a exaltação da literatura como meio de recriar uma experiência que se perde na factualidade.

Aqui cabe lembrar Merleau-Ponty, para o qual fazer Antropologia exige um longo processo de transformação de si mesmo, para que o contato com o outro não seja cercado de exotismos fantasiosos e relativismos complacentes. Além disso, o antropólogo deve entender que não é um objeto particular o que define sua especialidade, mas sim uma maneira de pensar própria, ver e sentir o mundo; suas generalidades e especificidades.

De modo semelhante, também, Florestan Fernandes (Cf. MARTINS, 1996) argumentava que a qualidade de uma investigação não fica comprometida pela aproximação, identificação do pesquisador com os sujeitos de suas pesquisas e com suas histórias pessoais, e que não se garante o rigor e a objetividade da pesquisa fazendo das biografias um mero pretexto para se chegar a algumas informações, tornando as próprias pessoas irrelevantes.

¹⁹ Refiro-me aqui à *Reverência pela vida*, publicado em 2004 pela Papirus. Nesse livro Rubem Alves busca recontar a vida do líder indiano Mahatma Gandhi.

Seu argumento é que era preciso que tais biografias fossem significativas e transformadoras para o próprio pesquisador.

O exercício de uma escuta ética acompanhada de uma contemplação estética, que esquadrinha as significações das relações sociais para destas extrair significantes, foi – e tem sido – invariável neste trabalho. Tornou-se necessário subverter o *olhar distanciado* de antropólogo, trazendo o longe para perto e reconstruindo os fluxos da história, conservando seu caráter descontínuo e não linear.

Olhar uma vida por um viés antropológico exige, como argumentou Suely Koffes (2001, p. 13), convicção de que a experiência de um sujeito preciso não escapa das concretudes socioculturais e, sobretudo, esse tensionamento o realiza como pessoa. O desafio que se apresenta é entrelaçar experiência social e trajetória singular numa narrativa na qual a argumentação estará dissolvida (e não destilada!).

É possível etnografar gestos e palavras?

Atualmente, o fazer antropológico tem sido alvo habitual de ofensiva facilitada pelo crescente fluxo de informações, pessoas e símbolos. Esse bombardeamento é também perceptível no método antropológico por excelência: a etnografia. Antes consagrada como uma experiência de distanciamento (tanto físico, quanto psicológico), em Malinowski a interface entre o “nosso mundo” e o “mundo nativo” era dada apenas pelo pesquisador. Hoje, as próprias categorias – o “nosso” e o “outro” – foram postas em xeque, assim como o referido distanciamento e o papel do pesquisador nesse cenário. O que se mantém como imponderável para a etnografia é a experiência de alteridade (seja no olhar ou na interpretação), independentemente do distanciamento ou do meio ao qual se aplica. Como nos ensina Peirano:

A pesquisa etnográfica não tem início em lugar especial ou momento determinado; ela tem espaço dentro de nós, quando mobilizamos uma sensibilidade específica. Um evento do dia-a-dia transforma-se em fala nativa, revelando que a etnografia não se define pelo meio de comunicação, mas pelo objetivo a que observação é submetida. (PEIRANO, 2009, p. 59, grifo meu)

Gesto espontâneo foi uma expressão utilizado pelo psicanalista inglês D. W. Winnicott (Cf. Rodman, 1990) para indicar uma das diversas

maneiras pelas quais a criatividade pode se expressar. Estaria relacionado ao cerne, ao centro do ser, representando – segundo o autor – o que haveria de mais autêntico, mais genuíno particularmente para aquela pessoa. Neste sentido, a análise cuidadosa dessas expressões gestuais fazia-se necessária para compreensão da inteireza do indivíduo. Tomo-o em termos filosófico e alegórico para pensar como os gestos, isto é, ações (assim como as palavras) possibilitam refletir sobre o emergir do mundo interno de maneira que os outros possam contemplar.

Pensar os mundos que emanam nas e das palavras assemelha-se ao romance polifônico o qual Bakhtin analisa. Clifford (1998, p. 50) argumenta que “Bakhtin descobre um espaço textual utópico no qual a complexidade discursiva, a interação dialógica das vozes, pode ser acomodada. Nos romances de Dostoiévski ou de Dickens ele valoriza precisamente sua resistência à totalidade; seu romancista ideal é um ventríloquo, um polifonista”.

Em um romance polifônico as vozes que ressoam no texto não se sujeitam a um narrador, no lugar da centralidade e do monólogo, ouvem-se vozes que, livres da supremacia de um narrador central, compõem significados através da interação. Os elementos que constituem esse tipo de narrativa são distintos entre si, mas é exatamente essa diferença que potencializa o texto, enobrecendo tanto seus feitos quanto os efeitos.

O discurso literário subverte os desígnios sociais, desconsidera os limites da linguagem. Desvia, desarticula, atribui um caráter polifônico aos signos linguísticos. Através da fabulação constrói sujeitos ilimitados, voláteis, alegóricos, indefinidos, não apreensíveis. Aqui, a noção de “alegoria etnográfica” proposta por James Clifford pode contribuir:

A alegoria normalmente denota uma prática na qual uma ficção narrativa continuamente se refere a outro padrão de ideias ou eventos. Ela é uma representação que ‘interpreta’ a si mesma. Qualquer história tem uma propensão a gerar outra história na mente do seu leitor, a repetir e deslocar alguma história anterior (...) Um reconhecimento da alegoria enfatiza o fato de que retratos realistas, na medida em que são ‘convincentes’ ou ‘ricos’, são metáforas extensas, padrões de associações que apontam para significados adicionais coerentes (em termos teóricos, estéticos e morais). A alegoria (de maneira mais forte que a ‘interpretação’) destaca a natureza poética, tradicional e cosmológica de tais processos de escrita. (1998 , p. 65).

Concepções do biografado sobre si e sobre o mundo estão em contínuo movimento. Uma pesquisa biográfica não deve ter, portanto, a pretensão de estabelecer um padrão exegético ou uma contiguidade em suas descrições. Dito de outra maneira, esse campo é também alegórico. E, nesse sentido, o olhar etnográfico embevecido da influência história da literatura e das artes tece mais um olhar interpretativo sobre essa “ficção narrativa”. Trata-se de mais uma maneira de pensar e narrar as ações (aqui entendidas como gestos) e as ideias (palavras) que se movimentam nesta vida.

Narrar é algo constitutivo do humano. De alguma forma, a narrativa está sempre presente em nossa vida. Narramos fatos, feitos, fenômenos. Tentamos traduzir sentimentos e experiências por meio de narrativas. Cabe mencionar que os textos científicos também se constituem, de forma elaborada, coesa e parametrizada, narrativas: narram descobertas, compreensões, interpretações, recomendações. Assim, narrar é dimensão basilar da comunicação humana e de atribuição de significado ao mundo ou, dito de outro modo, é no enredo que se encontra o sentido cultural, como lembrou Victor Turner (Cf. 1980, p. 141-188).

O filósofo Paul Ricoeur admite a narrativa e a leitura como pressupostos essenciais para a compreensão da história. A partir da narrativa, o ato da escrita etnográfica não só ganha similitude com o verossímil como arranja a relação entre a intenção e a ação, como pressuposições interligadas. Para ele deve-se valorizar a intriga, pois ela constitui o elo e faz parte da tessitura do texto, a verdade e o sentido de um acontecimento são relativos ao sentido e à verdade de outro acontecimento. Não se distingue dessa maneira a narrativa do conhecimento histórico.

Ainda um pouco mais acerca da ação narrativa em Walter Benjamin, ele advogava que a arte de narrar origina-se na experiência – no alemão, *Erfahrung*, conceito central no pensamento benjaminiano. Para ele, narrar é a capacidade de intercambiar experiência com o outro. Nesse sentido, a experiência é o elemento original e originário a que recorrem os narradores. Narrar (do latim, *narrare*), etimologicamente, significa “fazer conhecer”. Portanto, *erfahren* e *narrare* fazem chegar o conhecimento ao homem. *Erfahrung* é a experiência que leva o conhecimento ao homem. Mas não a um conhecimento científico pautado por regramentos necessários ao situar o que é ou não é verdadeiro. *Erfahrung* é a experiência que leva o indivíduo a conhecer a sua existência.

Concomitantemente ao desaparecimento da narrativa como memória e experiência partilhada e transmissível coletivamente, emergiu o modo

capitalista de produção, que responde pela organização socioeconômica do *império da razão*. A sociedade moderna, assentada no modo de produção capitalista, na cientificidade e na técnica, não admite a *Erfahrung*. Neste caso, *Erfahrung* abdica o lugar para a *Erlebnis*, também experiência, mas uma experiência vivida isoladamente por um indivíduo solitário, desligado do seu grupo, de uma memória comum.

Ainda acerca do ensaio *O Narrador*, escrito por Walter Benjamin, a narrativa das transformações sociais e culturais impactou e deu à luz a modernidade europeia. A modernidade técnica inerente ao estilo de vida burguês e capitalista do *império da razão* acaba com a arte de narrar e transforma a comunicação, até então portadora de uma sabedoria, em informação, portanto, um artigo de consumo como outro qualquer. Benjamin propõe a reconstrução da *Erfahrung* acompanhada por uma nova forma de narrativa.

A indissociabilidade entre a experiência e a sua (re)elaboração por meio da condição narrativa – possibilidade de rememorar e, simultaneamente, recriar o vivido – é nodal para o exame dos relatos biográficos. E, mais uma vez, convidando Paul Ricoeur, fiel à proposta hermenêutica de sustentação das tensões antinômicas, recorreu às categorias do pensamento ocidental pontuando, nas concepções paradoxais²⁰, o espaço limítrofe da narrativa ficcional como síntese (não fechada) de um tempo objetivo e de um tempo vivido. Advoga, deste modo, uma função narrativa através da qual se dá a inscrição da ação humana na temporalidade. Ricoeur recupera de Aristóteles duas noções que para ele serão fundamentais, a ideia de *mimese*, relativo à imitação ou representação da ação, e de *intriga*, como agenciamento dos fatos, a qual entende como estruturantes para sua própria definição de narrativa.

Assim, ao retomar a ideia do *muthos* como a arte de compor intrigas, compreendo, assentindo com Ricoeur, que a atividade mimética é um ato criativo em que o ficcional é abertura à significação:

O tecer da intriga foi definido, no plano mais formal, como um dinamismo integrador, que tira uma história una e completa de um diverso de incidentes, ou seja, transforma esse diverso em uma história una e completa. Essa definição formal abre o campo para transformações organizadas que merecem ser chamadas intrigas desde que nelas possam ser discernidas totalidades temporais a

²⁰ Refiro-me especificamente à retomada das categorias filosóficas ocidentais, as quais Ricoeur recupera em seu ensaio *Tempo e Narrativa*, como a do *muthos* trágico em Aristóteles e a de *distentio animis* em Agostinho, ou ainda a de um tempo fenomênico, físico, em Kant e a de consciência íntima do tempo em Husserl.

operar uma síntese do heterogêneo entre circunstâncias, objetivos, meios, interações, resultados desejados ou não. (RICOEUR, 1995, p. 16)

O que está em jogo na trama da vida narrada é a tensão permanente entre as forças organizadoras (ordem) e as forças da discordância (caos), a surpresa, o inesperado, o imponderável e arbitrário. É, portanto, através do papel articulador da tessitura da intriga que se compreenderá a mediação fundamental na narrativa.

No caso de empreender uma narrativa etnográfica dos gestos e das palavras de uma vida, é preciso considerar diferenças, vicissitudes, interações, os significados partilhados, acionados ou construídos pelos atores permeados e configurados por interesses distintos, produzindo uma plêiade de especificidades na pesquisa e naquilo que ela pretende ser.

Para etnografar gestos e palavras, vários recursos podem ser mobilizados. Autoras como Fabiana Bruno (2009) têm discutido o uso de fotografias e de imagens na composição etnográfica de trajetórias de vida. Na mesma direção estão as tentativas de propor abordagens metodológicas híbridas como etnobiografias que, a despeito de suas especificidades, trazem consigo preocupações epistemológicas semelhantes e rechaçam modelos hegemônicos de se fazer biografias (Cf. GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012).

O texto etnográfico de um empreendimento como este deve ter um caráter experimental, provisório e incompleto do pensamento; e, como tal, permitir-se abdicar do “empiricismo ingênuo, que preconiza a necessidade de ver para crer” (COMARROF, 2010), de alcançar as coisas em si, próprias às ciências biológicas, por assentir com a ideia de que na etnografia prevalece um método eficaz a despeito e por causa da sua principal fraqueza, a saber, a recusa em fazer uso não problematizado de técnicas padronizadas que permitem conferir uma pretensa objetividade às metodologias científicas. A impossibilidade de separar o objeto do conhecimento daquele que observa uma principal viabiliza uma “tensão produtiva” (*Idem.*, p.2).

Considerações finais: o infinito na palma da sua mão – a pesquisa biográfica e o seu alcance

Ao pensar as marcas biográficas nas produções literárias, é preciso não se perder, insisto, na falácia de que os escritos equivalem à vida do escritor,

como um espelho. Contrariamente, teias intrincadas envolvem a constituição dos sujeitos. Como espelhos estranhos – ora planos, noutra côncavos ou convexos –, deformam, velam, desvelam, rasuram, entretalham as experiências pessoais, sociais, históricas por meio da fabulação. Como ressalta Jacques Le Goff, “uma biografia não é só uma coleção de tudo o que se pode e de tudo o que se deve saber de um personagem” (1995, p. 19).

O pesquisador cuidadoso tem por premissa da sua práxis que nenhuma fonte deve falar por si. Isso porque são diversas as mediações entre o “campo” e suas leituras possíveis, seja qual for sua característica: entrevistas, depoimentos orais, documentos pessoais e/ou oficiais, manuscritos, fotos, objetos, anotações, desenhos, lembranças, silêncios, afetos verbalizados, etc. De cada um extraem-se informações, e outras mais, a depender das perguntas que fazemos ou que estamos dispostos a fazer. Isto porque, no campo, o ato de narrar uma vida é constantemente reformulado à medida que se atualizam as interrogações impostas pelo que se vê e se ouve. Christine Laurière, ao refletir sobre a atividade biográfica, se fez a seguinte pergunta:

qual é o denominador comum entre um coleóptero do tipo mesopteron riveti, a revista Races et Racisme e o Museu do Homem [em Paris]? O mesmo indivíduo, Paul Rivet (1876-1958), que, no primeiro caso, descobriu, quando de uma longa estadia no Equador, mais de trinta novas variedades de insetos que vieram enriquecer as coleções entomológicas do Museu de História Natural, no segundo caso, fundou uma revista anti-racista e, no terceiro, criou um lugar público, vitrine e tribuna da etnologia na cidade, etnologia que ele desejava engajada e edificante. (LAURIÈRE 2002, p. 135)

Um dos mais relevantes obstáculos para a composição de uma biografia, particularmente para os acadêmicos, é unir peças muito variadas, aparentemente desconexas, numa tessitura textual que lhes confira um enredo. No entanto, “[...] o ato humano não se produz em linha reta, mas sim por encruzilhadas, e segundo círculos que, em sua maior parte, são descentrados socialmente” (CLOT apud SANDOICA, 2005, p. 31).

O que advogamos aqui é a abdicação da pretensão de uma história total, assim como do desejo de solucionar mistérios psicológicos que, segundo alguns, permitiria uma análise exegética da obra do biografado. Ao contrário, sugerimos empreender uma pesquisa plural nas distintas

formas de apropriação do biografado, declinando-se do lugar-comum das biografias atuais em que a oposição entre verdadeiro e falso é central, e favorecendo sobretudo a contextualização e a recuperação das redes de socialidade intelectual – interações estas atravessadas por conflitos, errâncias e mudanças de vértices, Incorporando a premissa de que “[...] o ato humano não se produz em linha reta, mas sim por encruzilhadas, e segundo círculos que, em sua maior parte, são descentrados socialmente” (CLOT apud SANDOICA, 2005, p. 31).

Ao contar a vida um indivíduo, permito-me recontar e reinterpretar os acontecimentos históricos de seu entorno. Em decorrência disto não há o estabelecimento de um limite para a construção da biografia, na medida em que estas sempre implicarão a reescrita da história. Assumo, deste modo, o risco da experimentação, da provisoriedade e da incompletude do pensamento. E, com isto, recuso o realismo ingênuo que busca alcançar as coisas em si. Nas palavras de Le Goff, trata-se de compreendermos as biografias:

primeiro e acima de tudo, a vida de um indivíduo e a legitimidade do gênero biográfico dependem do respeito ao seguinte propósito: a apresentação e explicação da vida de um indivíduo na história. Mas a história deve, por sua vez, ser iluminada pela nova historiografia. (LE GOFF, 1995, p. 13)

Um contributo de uma abordagem hermenêutica a partir de Paul Ricouer reforça a fronteira entre sujeito e história como espaço epistêmico por excelência da pesquisa biográfica e afasta-se de uma possível orientação excessivamente realista. Ao tomar os relatos biográficos como modalidades narrativas, estes deixam de ser apenas produtos individuais com ambições factuais para recolocar a interpenetração entre sujeito e história bem como entre os acontecimentos e sua reconfiguração na tessitura das vidas narradas. Tais desafios são mais facilmente apreensíveis nos versos de Willian Blake :

“Ver um mundo num grão de areia
E um céu numa flor silvestre
Ter o infinito na palma da sua mão
e a Eternidade numa hora,”

Referências

- ALVES, Rubem.
(2002). *Livro sem fim*. 2ª. Ed. São Paulo: Loyola.
- BECKER, Howard S.
(1994). *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. Trad. Marco Estevão Renato Aguiar. 2.ed. São Paulo: Hucitec.
- BENJAMIN, Walter.
(1975). *Coleção "Os pensadores"*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- BENJAMIN, Walter.
(1994). *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4.ed. São Paulo: Brasiliense.
- BERTAUX, Daniel.
(2016). *Le récit de vie*. Paris, France: Armand Collin. 132 p.
- BERTAUX, Daniel.
(2014). A vingança do curso da ação contra a ilusão cientificista. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*. v. 14, n. 2. P. 250-271.
- BLAKE, Willian.
(2006). *Poesia e prosa selecionadas*. Trad. Paulo Vizioli. São Paulo, Nova Alexandria.
- BOURDIEU, Pierre.
(2002). *As regras da arte*. São Paulo: Cia das Letras.
- BRUNO, Fabiana.
(2009). *Fotobiografia: por uma metodologia da estética em Antropologia*. (Tese de Doutorado). Instituto de Artes/UNICAMP, Campinas.
- CLIFFORD, James.
(1998). *A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- CLIFFORD, James.
(1988). *The Predicament of Culture: Twentieth Century Ethnography, Literature and Art*. Harvard University Press.
- CRAPANZANO, V.
(1984). "Life-Histories" In: *American anthropologist*, vol. 86(4), pp. 953-965.
- COSTA, Luciano Bedin.
(2010). *Biografema como estratégia biografemática: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Myller*. Tese (Doutorado em Educação) UFRGS, Porto Alegre.
- COMAROFF, John & Jean.
(2010). Etnografia e Imaginação Histórica, *PROA - Revista de Antropologia e Arte*, vol.1, n.2.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Kafka.
(1975) *Pour une littérature mineure*. Paris: Minuit.
- FERNANDES, Florestan.
(1966). *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus.
- FARDON, Richard.
(2004). *Mary Douglas: uma biografia intelectual*. Coleção Etnologia. Tradução Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- GINZBURG, Carlo.
(2007). *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras.
- GEERTZ, Clifford.
(2001). *Uma nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- GOBBI, Maria Cristina.
(2005). Método Biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. *Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas.
- GONÇALVES, M. A.; MARQUES, R.; CARDOSO, V. Z. (org).
(2012). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*, Rio de Janeiro: 7Letras.
- HEINICH, Nathalie.
(2007). *Pourquoi Bourdieu*. Paris: Gallimard.

- KOFES, Suely.
(2004). "Os Papéis de Aspern": anotações para um debate. In: *História de vida: biografias e trajetórias*. Suely Kofes (Org.). Campinas: Unicamp, IFCH.
- KOFES, Suely.
(2001). *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- LAURIÈRE, Christine.
(2002). *Biographie et archives*. Un cas de figure: Paul Rivet. Paris. Gradhiva, v.30/31.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre.
(1988). *História: Novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- LE GOFF, Jacques.
(1995). Writing historical biography today. *Current Sociology*, London, v. 43, n. 2/3, p. 13.
- LE GOFF, Jacques.
(2002). *São Luís*. Rio de Janeiro: Record.
- LÉVI-STRAUSS, Claude.
(2004). *O cru e o cozido*. Mitológicas 1. São Paulo, Cosac Naify.
- LEVILLAIN, Philippe.
(1996). Os protagonistas da biografia. In: *Por uma história política*. [Trad. Dora Rocha]. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- LINDESRNITH, Alfred.
(1947). *Opiate Addiction*. Bioomington.
- LORIGA, Sabrina.
(2003). A história biográfica. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, v. 2, nº 3, p. 11-21.
- MARCUS, George E.
(1995). Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. In: *Annual Review of Anthropology*, Vol. 24.
- MARRE, J. L.
(1991). História de Vida e Método Biográfico. *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v.3, nº 3, p. 89-141, jan/jul
- MARTINS, José de S.
(1996). Vida e história na sociologia de Florestan Fernandes (reflexões sobre o método da história de vida). *Revista da USP*, São Paulo, Edusp, n.º. 29.
- MARX, Karl.
(1978). *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural.
- MANICA, Daniela Tonelli.
(2009). *Contracepção, natureza e cultura: embates e sentidos na etnografia de uma trajetória*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). IFCH, UNICAMP, Campinas.
- MANICA, Daniela; KOFES, Suely.
(2015). *Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia*. Lamparina.
- MEAD, George H.
(1917). Scientific Method and Individual Thinker. In: DEWEY, John et al. *Creative Intelligence*. Nova York.
- MICELI, Sergio.
(2003). Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. *Tempo social*, vol.15, n.1, pp.63-79.
- MOISÉS, Leyla Perrone.
(1983). Roland Barthes. *Coleção encanto radical*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- PEIRANO, M.
(2009). O paradoxo dos documentos de identidade: relato de uma experiência nos Estados Unidos. *Horizontes Antropológicos*, ano 15, n. 32, p. 53-80
- PENA, Felipe.
(2004). *Teoria da Biografia sem fim*. Rio de Janeiro: Mauad. p. 51.
- PENA, Felipe.
(2010). *Seu Adolpho: uma biografia em fractais de Adolpho Bloch, fundador da TV e Revista Manchete*. Rio de Janeiro: Usina das Letras.
- PELLEJERO, Eduardo.
(2008). Literatura e fabulação: Deleuze e a política da expressão. *Polymatheia – Revista de Filosofia*. Fortaleza, vol. IV, n. 5, p. 61-78.

- RICOEUR, Paul.
(1994). *Tempo e Narrativa*. Campinas, SP: Papirus.
- RODMAN, R.
(1990). *O gesto espontâneo* – cartas selecionadas de D. W. Winnicott. (L. Borges, trad.) São Paulo, SP: Martins Fontes.
- ROSA, João Guimarães.
(2001). *Grande Sertão: Veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SANDOICA, Helena H.
(2005). La biografía, entre el valor ejemplar y la experiencia vivida. *Asclepio*, Madrid, v. 57, n. 1
- SARTRE, J-P.
(1947). *Baudelaire*. Paris: Gallimard. Col. Folio.
- SARTRE, J-P.
(1952). *Saint Genet: Comédien et Martyr*. Paris: Gallimard.
- SARTRE, J-P.
(1960). *Critique de la Raison Dialectique* (précédé de Question de Méthode). Paris: Gallimard.
- SARTRE, J-P.
(1964). *Les Mots*. Paris: Gallimard. Col. Folio, 1964.
- SARTRE, J-P.
(1965). La Transcendance de L'Ego. Esquisse d'une Description Phénoménologique. Paris: J. Vrin.
- SCHAWACZ, Lília Mortiz.
(1998). *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHMIDT, Benito Bisso.
(1998). Luz e Papel, Realidade e Imaginação: as biografias na História, no Jornalismo, na Literatura e no Cinema. *XXII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu*. Disponível em <bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/bisso.rtf> Acesso em: 20 maio 2011.
- SHAW, Clifford; MACKAY, Henry.
(1942). *Juvenile Delinquency and urban areas*. Chicago.
- SILVA, Anaxsuell F.
(2014). *Poética da existência: Rubem Alves, história de vida, tramas e narrativas*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH/ Universidade Estadual de Campinas.
- SILVA, Anaxsuell F.
(2017). Da Teologia da Libertação à libertação da Teologia: a biografia de um intelectual protestante. *Revista Brasileira de História das Religiões*. v. 9. p. 35-65.
- SILVA, Anaxsuell F.
(2017). As cores do crepúsculo: fabulação, teologia e literatura em Rubem Alves. *Estudos de Religião*, v. 31, p. 261-284.
- SCARAMELLA, M. L.
(2010). *Narrativas e sobreposições: notas sobre Maura Lopes Cançado*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). IFCH/Universidade Estadual de Campinas.
- SCHNEIDER, D. R.
(2006). *A Náusea e a Psicologia Clínica: interações entre literatura e filosofia em Sartre*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, Rio de Janeiro, v.6, nº 2, p. 51-61.
- THROOP, C. Jason.
(2003). Minding experience: an exploration of the concept of "experience" in the early french anthropology of Durkheim, Lévy-Bruhl, and Lévi-Strauss, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, Vol. 39(4), 365–382.
- TURNER, Victor.
(1980). Social Dramas and Stories about Them, *Critical Inquiry*, Vol. 7, n. 1, *On Narrative*, pp. 141-168.
- WINNICOTT, D. W.
(1991). *Holding e interpretação*. (S. Barros, trad.) São Paulo, SP: Martins Fontes.

Recebido em
outubro de 2018

Aprovado em
maio de 2019